**ORA-AÇÃO**

**Calar e Falar**

*Rezar, testemunhar a oração e ensinar a rezar (Pedro Casaldáliga)*

***Pe. Rogério L. Zanini***

O contexto da pandemia, provocada pela Covid-19, é propício para refletirmos sobre a importância e a qualidade da oração na vida cristã. A oração é um dos pilares da fé cristã. Como testemunham as primeiras comunidades cristãs, eram perseverantes: no ensinamento dos apóstolos (*didaquê*), na comunhão (*kononia*: um só espírito, tudo em comum, não havia pobres entre eles, na fração do pão (*eucaristia*) e realizavam prodígios e sinais (*martiria*). Temos isso nos sumários: At 2,42-43; ampliado em: At 2,44-47; 4,32-35; 5,12-16). Quando nos referimos à oração cristã, essa não poderá estar desconectada com esse modelo de vida comunitária narrada por Lucas, no livro dos Atos dos Apóstolos.

A oração é um diálogo com Deus e, em consequência, significa uma relação de mão dupla: audição e palavra. O apóstolo Paulo lembra que a fé vem pelo ouvir a boa notícia e esta vem pela Palavra de Cristo (cf. Rm 10,17). A palavra diálogo pode ser compreendida como relação de duas pessoas. No relacionamento com Deus, trata-se do eu com um Tu. Significa que o ato de ouvir e de dirigir a palavra são dimensões intrínsecas e importantes no relacionamento com Deus. Na relação com Deus, ambas as dimensões precisam ser cultivadas e respeitadas. Nessa mesma lógica, se poderia pensar: “na forma como escutamos as pessoas também escutamos a Deus”. “Sem tempo para as pessoas, sem tempo para Deus”. “Paciência humana é paciência divina”. A carta de São João elevou isso ao máximo, relacionando o amor a Deus com o amor ao próximo. “Se alguém diz: eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (1Jo 4,20).

Nessa relação surge a questão central dessa reflexão: o nosso relacionamento com Deus, de modo particular na época da pandemia do covid-19. E nossa atenção se volta para a necessidade do silêncio diante de Deus. Silenciar é o caminho fecundo para ouvir a Deus e discernir sua Vontade nos processos históricos.

Quando olhamos para Jesus, a dimensão do silêncio aparece em momentos determinantes na sua missão. O silêncio aparece de forma explícita em dois momentos importantes: no horto das oliveiras (cf. Mc 14,32-42) e na cruz (cf. Mc 15,37). O silêncio do horto revela o discernimento de Jesus em fazer a vontade de Deus, ou seja, não *arredar o pé* do caminho do anúncio do Reino de Deus, mesmo enfrentando cusparadas, bofetões, ridicularizado, perseguido, pendurado no madeiro. O silêncio na cruz, por sua vez, revela que o próprio Jesus enfrenta o silêncio de Deus, o qual buscou fazer a sua Vontade durante todo o percurso de sua vida. E, agora, Jesus precisa compreender o silêncio de Deus. Estaria Deus desaprovando o sacrifício da cruz de Jesus? Não. Para o teólogo Jon Sobrino, “o silêncio de Deus na cruz, como o silêncio que dói ao próprio Deus, pode ser interpretado, muito paradoxalmente, como solidariedade com Jesus e com os crucificados da história: é a parte de Deus na luta histórica pela libertação no que esta tem de sofrimento necessário” (*Jesus, o libertador,* p. 356).

O que esse silêncio de Deus tem a oferecer diante da pandemia em que se multiplicam exponencialmente discursos, palavras e orações? Uma avalanche de mensagens eletrônicas chega a todo instante através dos meios eletrônicos. Muitas são de bom propósito e oferecem esperança, consolo, informação de confiabilidade ajudando a discernir o joio do trigo, na complexidade do contexto. No entanto, temos de reconhecer que certas palavras ou mesmo orações atribuídas a Deus, são totalmente descabidas e servem para incriminar ou exigir de Deus uma solução mágica. Parece soar as palavras das autoridades na crucificação de Jesus: “Se és Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27,40), ou seja, se é Deus poderoso, forte e imortal, porque não elimina esta pandemia e mais pessoas acreditarão em ti?

As formas de incentivar esse caminho são explicitas, outras vezes veladas, ainda hoje, pelas autoridades políticas. A título de exemplo, vale o fato surpreendente de prefeitos que estabeleceram em seus decretos pedindo a realização de jejuns e orações, para o fim da pandemia. Surpreendentemente, entretanto corretamente, representantes religiosos se colocaram contra, alegando não ser constitucional e a necessidade de fazer outras ações mais benéficas, como adquirir respiradores e máscaras à população.

Esse exemplo, entre outros, fazem perceber como Deus pode ser utilizado e comprometer ou inclusive, desresponsabilizar os governos de atuarem realmente no combate da pandemia. Desta forma, o poder público deixa de exercer sua tarefa governamental, transferindo a competência social a Deus e à sociedade civil. Por isso, é necessário avaliar criticamente quando Deus é invocado e quais são os reais interesses.

Outros discursos aproveitam essa imensa tragédia e esse terrível fracasso da humanidade para falar de Deus, de sua necessidade, de quão pobres nós humanos somos e de quão necessário somos de Deus. “Tudo isso é uma amostra que estamos precisando de Deus”. No fundo está a ideia: “vamos acreditar mais em Deus”; “precisamos voltar para Deus”. No entanto, esse voltar deixa entrever que Deus precisa do fracasso humano para crescer e se manifestar. Podemos nos perguntar: é essa a imagem de Deus revelada por Jesus quando proclamou: “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância”? (cf. Jo 10,10). Ou quando confessamos que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo? E de Deus cheio de misericórdia para com os pobres e pecadores, que perdoa até mil gerações?

No intuito de abrir um caminho de como podemos rezar, silenciar e atuar conjuntamente com a vontade de Deus, indicamos uma reflexão do Papa Francisco. “Ore sempre, mas não para convencer o Senhor por palavras. Ele sabe melhor do que nós o que precisamos. Precisamente, a oração perseverante é uma expressão de fé em um Deus que nos chama a *lutar com Ele* todos os dias e a todo momento para vencer o mal pela força do bem” (Angelus, 20 de outubro de 2013, grifo nosso).

Portanto, é preciso *lutar junto com Deus*, nas palavras do Papa; e que na linguagem do povo de Deus, significa: “Deus faz a sua parte e nós a nossa”. Essa foi a experiência bíblica do povo de Deus, e de modo particular dos discípulos, após a ressurreição de Jesus. Experimentaram a presença do ressuscitado sentindo-se enviados para ‘arremangar as mangas’ e continuar o anúncio do reino de Deus, sem fugir da realidade. Desta forma, estamos fazendo a Vontade de Deus e caminhando rumo a salvação definitiva. Nas palavras do Papa Francisco: “se dermos a vida por eles [pobres]), pela justiça e a dignidade que merecem, não podemos ocultar-lhes que o fazemos porque reconhecemos Cristo neles e porque descobrimos a imensa dignidade a eles concedida por Deus Pai que os ama infinitamente” (QA, n. 63).